

BIBLIOTERAPIA: SÍNTESE DAS MODALIDADES TERAPÊUTICAS UTILIZADAS PELO PROFISSIONAL¹

MARIA CRISTINA PALHARES VALENCIA *

MICHELLE CRISTINA MAGALHÃES **

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é apresentar uma síntese dos conceitos de biblioterapia na perspectiva de alguns pesquisadores, os benefícios de sua aplicação, as habilidades necessárias para o bibliotecário se especializar como biblioterapeuta, as ferramentas e atividades que poderão colaborar no tratamento de algumas pessoas. A metodologia aplicada tem como base a pesquisa bibliográfica, com enfoque temático para o auxílio às pessoas, da convivência até a possibilidade de soluções para seus problemas de ordem emocional e física. Aponta ainda a importância do trabalho deste profissional como uma contribuição ao tratamento de saúde de pacientes, beneficiando no desenvolvimento pessoal, oferecendo melhorias a ele e à sociedade, por meio da leitura, enfatizando papel social do bibliotecário.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioterapia. Biblioterapeuta. Atividades biblioterapêuticas.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no curso de Biblioteconomia do Centro Universitário Assunção – UNIFAI, em 2013.

* Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP. Docente no curso de Biblioteconomia no Centro Universitário Assunção - UNIFAI. crikapv@yahoo.com.br
Bacharel em Biblioteconomia, pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI. Bibliotecária do Centro Universitário Toledo – Araçatuba-SP. mc-maga@hotmail.com

** Bacharel em Biblioteconomia, pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI. Bibliotecária do Centro Universitário Toledo – Araçatuba-SP. mc-maga@hotmail.com

ABSTRACT

This article has as its central objective the analysis of the concept of bibliotherapy in the perspective of some researchers, the benefits of its application, the necessary skills for the librarian to specialize himself as a bibliotherapist, the tools and activities that can help in the treatment of some users. The applied methodology is based on the literature, with the helping people thematic approach, from the coexistence to the possibility of of solutions to their problems of emotional and physical order. It also highlights the importance of the professional on the contribution to health care of patients, benefiting personal development, offering improvements to it and to society, through reading, and emphasizing their social role.

KEYWORDS: Bibliotherapy. Bibliotherapist. Bibliotherapeutical activities.

1.INTRODUÇÃO

O ser humano tem a necessidade de deixar marcas de sua existência de alguma forma, desde a antiguidade (1500 a.C.), inicialmente por meio dos hieróglifos, da oralidade, pelos gestos, reforçando a condição inerente de se expressar, assim como através da escrita, à invenção da prensa de Johann Gutenberg (em 1455), à contemporaneidade, com o auxílio de ferramentas tecnológicas. Nesse sentido, Gutenberg, com seus tipos móveis, teve um papel fundamental na Revolução Científica, iniciando no mesmo século a reformulação no modo de verificar as “coisas” tanto no registro de acontecimentos do cotidiano como de novas descobertas, implicando diretamente na disseminação informacional e no crescimento intelectual do indivíduo. Dessa forma, a produção de livros aumentou consideravelmente, barateando e ampliando a sua distribuição e impulsionando também a quebra do monopólio da Igreja sobre a produção editorial, contribuindo amplamente como difusor do pensamento, fazendo com que as bibliotecas passassem a existir como uma entidade reconhecida e de valor social. Desde então, podemos entender a importância do livro e da leitura e aplicá-la em diferentes atividades, entre elas, na contação de história. A leitura como método terapêutico, pode ser utilizada pelo bibliotecário na colaboração em tratamentos de saúde de pessoas com traumas neurológicos, psicológicos e físicos, por exemplo.

Alguns dos fatores citados acima apontam para o início do desenvolvimento da definição de *biblioterapia*, os benefícios de sua aplicação e, assim, como os objetivos específicos na apresentação das habilidades necessárias ao bibliotecário para se tornar um terapeuta, as ferramentas e as atividades biblioterapêuticas e os perfis de usuários que poderão se beneficiar desta terapia.

O termo *biblioterapia* é composto por duas palavras gregas: *biblion* (βιβλίον) = livro e *therapeia* (θεραπεία) = terapia que enfatiza a importância do tratamento baseado na leitura de livros ou qualquer material bibliográfico.

Entre alguns teóricos, publicações e instituições que definem e conceituam a biblioterapia, destacam-se três: Rattou (1975), em 1941, no *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, define Biblioterapia como o emprego de livros e da leitura no tratamento de doenças mentais. No entanto, o termo também é abordado por publicações não especializadas, como o *Webster's Third International Dictionary*, em 1961, definindo-a pelo uso de material de leitura selecionada, como o principal elemento terapêutico atuante na medicina e psicologia, assim como um guia para solucionar problemas pessoais por meio da leitura dirigida, sendo mais tarde adotada como a definição oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. Já de acordo com a Associação das Bibliotecas de Hospitais e Instituições dos Estados Unidos da América (EUA), segundo Mood e Limper (1971 apud Caldin, 2001), a biblioterapia é definida pela utilização de materiais de leitura no auxílio terapêutico; na solução de problemas pessoais por meio da leitura dirigida e o tratamento do mal ajustado para promover sua recuperação e a reinclusão dos indivíduos na sociedade.

Por meio da leitura, o indivíduo pode se envolver emocionalmente com uma narrativa e aplicar o que leu em sua própria vida. Nesse sentido, o bibliotecário atuará como mediador auxiliando na interpretação dos conteúdos e oferecendo ao paciente a oportunidade de se distanciar da realidade e criar espaços, rever conceitos, redesenhar imagens, redescobrir emoções, tomar decisões, escolher caminhos, colocar em atividade o pensamento, a memória e a imaginação, ou seja, unir a percepção subjetiva à vida prática, construindo uma sensação libertadora para o ser envolvido nesse processo terapêutico.

Paiva (200-) diz que esse tipo de terapia poderá auxiliar o indivíduo a enxergar outras perspectivas e perceber outras opções de

comportamento, pensamentos e sentimentos; a capacidade de avaliar questões de seu cotidiano com mais clareza para enfrentar as dificuldades, ajudando no distanciamento da sua dor e a expressar seus pensamentos e sentimentos, possibilitando uma percepção mais apurada de sua própria condição existencial, favorecendo a redução da ansiedade.

O somatório da leitura e de atividades lúdicas possibilitará o desenvolvimento de um processo interativo de valores, ações e sentimentos, direcionado ao equilíbrio do crescimento, à harmonia e o desenvolvimento pessoal, promovendo inúmeros benefícios à pessoa e à sociedade. Ouaknin (1996, p. 16) ressalta que a "leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo." Nesse momento particular, o indivíduo assimilará informações do seu interesse, adquirindo novos conhecimentos e percepções do que foi lido, com vistas ao seu cotidiano.

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 55) definem o termo biblioterapia como a "utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais".

A biblioterapia poderá modificar as atitudes e os comportamentos dos seus pacientes, melhorando ou, até mesmo, solucionando o problema apresentado.

Orsini (1982) argumenta que a biblioterapia é uma técnica que pode ser utilizada como diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças, categorizando os objetivos como de nível intelectual, social, emocional e comportamental. Desta forma, auxiliará o autoconhecimento pela reflexão, reforçando padrões sociais desejáveis, facilitando o desenvolvimento emocional pelas experiências de outra pessoa e ajudando na mudança do comportamento.

Alguns profissionais, como médicos, bibliotecários, psicólogos, assistentes sociais, entre outros, veem na leitura, poesia, jogos e outras atividades formas diferentes de cura. Porém, em algumas literaturas, podemos observar que as bibliotecas hospitalares foram as pioneiras em atestar o livro como a principal ferramenta, pelo qual é possível conseguirmos determinados resultados com os pacientes (PARDINI, 201-).

Ratton (1975) assinala que para alguns leitores, os livros são considerados uma forma intelectual e objetiva, mas, para outros há um envolvimento emocional com eles. Sendo assim, a leitura trará diversos benefícios para as pessoas.

De acordo com Orsini (1982), a biblioterapia poderá ser aplicada em diferentes campos de atuação profissional, como na:

Medicina Geral: tanto com adultos quanto com crianças, tem sido aplicada a diversos problemas, incluindo deficientes visuais, idosos e doentes crônicos.

Psiquiatria: a técnica poderá ser aplicada em várias síndromes, como psicose, esquizofrenia, alcoolismo e problemas comportamentais; sendo que a biblioterapia, geralmente, é utilizada com outras técnicas, como psicodrama, hipnose etc.

Educação: a utilização poderá mudar atitudes raciais, como *bullying* e desvio de comportamento, sendo valiosa para o ensino de crianças com dificuldade de aprendizado ou superdotadas.

Correcional: poderá ser aplicada em delinquentes juvenis, reclusos ou não em instituições de reabilitação social e química etc., sendo usada como meio de libertação de sentimentos hostis, para tratamentos específicos, ocasionados por drogas e transtornos emocionais.

A biblioterapia é considerada também uma técnica que utiliza qualquer tipo de material bibliográfico, em que a leitura e outras atividades lúdicas, sobre variados temas, auxiliam as pessoas a lidarem com os seus problemas emocionais, sociais e físicos.

Quanto aos objetivos da biblioterapia, podemos citar a ajuda na adaptação à vida hospitalar; a melhora na autoestima; o alívio às tensões diárias; o revigoramento das forças; a amenização da ansiedade e do estresse; ajuda para lidar com os sentimentos negativos, como a raiva e a frustração; condução ao riso; preservação da saúde psicológica; propício na compreensão emocional e intelectual; favorecimento na socialização pela participação em grupo e a permissão a uma conexão com o mundo e o contato com a realidade.

Historicamente, a leitura é utilizada como um método terapêutico desde o Egito antigo, datando da época do Faraó Ramsés II que ordenou que no frontispício dos escritos de sua

biblioteca fosse inserida a frase “Remédios para a Alma”. As bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos chamados de “Casas de Vida”, como lugares de conhecimento e espiritualidade.

Na Idade Média, a entrada da Biblioteca da abadia de São Gall, na Suíça, continha a inscrição “Tesouro dos Remédios da Alma”.

Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus, médico e escritor romano, fonte histórica importante sobre a Alexandria e a medicina romana e autor de enciclopédia sobre diversos assuntos, vinculou a leitura com o tratamento médico, recomendando a leitura e a discussão das obras de grandes oradores como terapia no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes.

Na Grécia antiga, os livros foram agregados como uma forma de tratamento espiritual e médico. Os gregos conceberam suas bibliotecas como a “medicina da alma”, um exemplo é o caso da Biblioteca de Tebas, que na porta estava inscrito “lugar de cura da alma”. E, que em 1272, o Hospital Al Mansur recomendava leitura de trechos do Alcorão como parte do tratamento médico.

Segundo Rosa (2006 apud LEITE, 2009), foi no final do século XVIII que os livros foram introduzidos no tratamento para pacientes com transtornos psiquiátricos na França, Inglaterra e Itália.

Em meados de 1800, o médico norte-americano Benjamin Rusch praticava os princípios da biblioterapia não apenas em pacientes com transtornos psiquiátricos e idosos, mas também com conflitos internos, que implicam em melancolias, medos, ansiedades e manias, utilizando a leitura selecionada e adaptada de acordo com a necessidade individual no tratamento de cada paciente hospitalizado.

Seitz (2006) aponta que em 1904, uma bibliotecária passou a ser chefe da biblioteca do hospital de Wanderley, em Massachussets, onde desenvolveu um programa pioneiro que envolveu os aspectos psiquiátricos da leitura e deu origem à biblioterapia como uma linha de pesquisa do campo da Biblioteconomia.

Uma das hipóteses que reforçam o caráter terapêutico da leitura se deve aos bibliotecários da Cruz Vermelha, que contribuíram na construção de bibliotecas nos hospitais do Exército, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Posteriormente, surgiram variados estudos sobre a biblioterapia em diversas áreas do conhecimento, que ajudaram no aprofundamento teórico, metodológico e outras tendências no uso desta terapia.

A partir da década de 1930, Emma T. Foreman, por meio de pesquisas científicas, insistiu que a técnica fosse tratada como ciência e não arte, conferindo à biblioterapia a importância de uma área de estudos, destacando como biblioterapeuta.

Pereira (1996) ressalta que com a Segunda Guerra Mundial (1939-1943) surgiu a terapia de grupo, pois não era mais possível fazer atendimentos individuais devido ao crescente número de novos pacientes, oriundos desta guerra. Neste período, produziram-se trabalhos significativos na linha de biblioterapia.

Em 1949, surge a primeira PhD no assunto, Caroline Shrodes defende sua dissertação, intitulada *Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental*, lançando as bases da Biblioterapia contemporânea, na Universidade de Berkeley, Califórnia, EUA.

Botsaris (201-) afirma que os centros de pesquisas e universidades de vários países têm estudado o emprego da biblioterapia na psicologia e psiquiatria. Na psiquiatria infantil, a técnica se mostrou especialmente eficiente. Um dos pioneiros foi o psicólogo austríaco, Bruno Bettelheim, que descobriu o poder das histórias, mitos e jogos infantis sob o estado psicológico das crianças, aplicando os recursos ao tratamento, com resultados surpreendentes.

Na perspectiva de Leite (2009), o desenvolvimento da biblioterapia alcançou vários projetos de pesquisa e iniciativas de trabalho em vários países, destacando a biblioteca como um elemento indispensável em hospitais, devido à sua contribuição como espaço de fomentação à leitura, facilitadora esta como profilaxia, reabilitação e terapia propriamente dita.

No Brasil, desde 2006, a fundação da Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica tem como objetivos fundamentais reunir pesquisas e trabalhos científicos sobre o tema; formar profissionais para atuarem como biblioterapeutas; trocar experiências entre profissionais das áreas coligadas; disseminar a prática nas escolas, hospitais e centros de saúde da rede pública; estimular a produção do material técnico sobre o assunto; mobilizar o mercado editorial para a importância da aplicação da biblioterapia; recolher material de cunho terapêutico e regulamentar a profissão.

A literatura especializada mostra a evolução da biblioterapia, que no início era direcionada a hospitais apenas e atualmente é um campo de atuação profissional multidisciplinar, envolvendo médicos, enfermeiros, psicólogos, pedagogos, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas ocupacionais.

2.TIPOS DE BIBLIOTERAPIA

Para um melhor desenvolvimento da biblioterapia, o bibliotecário poderá utilizar a contação de história, letras de músicas e, até mesmo, textos teatrais, como ferramentas terapêuticas, de acordo com as necessidades dos indivíduos, empregando-as em pacientes, crianças e adultos hospitalizados; em crianças e jovens, em escolas e abrigos; em idosos, em lares para a 3ª idade; em adultos reclusos em penitenciárias; beneficiando ainda crianças, jovens, adultos, idosos, com limitações ou necessidades especiais e dependentes químicos.

Embora, o profissional esteja apto para atender às demandas informacionais e intelectuais, ele deverá também voltar-se às questões sociais e emocionais de uma parcela da sociedade que necessita de uma atenção terapêutica, o que requer uma capacitação que inclua as técnicas de leitura desde os suportes tradicionais de informação ao conteúdo digital.

Marcinko (1989 apud FERREIRA, 2003) classifica a biblioterapia em três tipos: clínica, institucional e desenvolvimento pessoal, para atender às necessidades individuais de cada paciente.

A biblioterapia clínica busca trabalhar com os problemas de comportamento social, moral, emocional, físico etc. do paciente. A atividade é realizada em hospitais, clínicas e organizações de apoio psicológico e psiquiátrico. O objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamentos, solucionando ou melhorando os problemas apresentados. O programa pode ser estruturado e aplicado por médicos, bibliotecários, terapeutas ocupacionais e psicoterapeutas, ou até por uma equipe multidisciplinar.

A biblioterapia Institucional é aplicada em grupo ou individual, por meio de uma equipe de profissionais aos pacientes. O objetivo é informar e esclarecer algum problema específico, ajudando no desenvolvimento pessoal, na tomada de decisão e reorientação de um comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho, fornecendo literatura sobre o assunto. Esta terapia pode ser aplicada por médicos, educadores, assistentes sociais e bibliotecários treinados dependendo do trabalho a ser desenvolvido.

A biblioterapia de desenvolvimento pessoal é uma assistência literária personalizada que visa o desenvolvimento normal e

progressivo do indivíduo que procurou por ajuda. Sua finalidade é auxiliar em tarefas comuns e a lidar com problemas do cotidiano, para o desenvolvimento pessoal, e tem o caráter preventivo e corretivo. É utilizada em instituições educacionais, para a identificação de futuras e possíveis fontes de problemas e é realizada por bibliotecários, educadores e assistentes sociais.

2.1.MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO

O método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e na ativação da linguagem. As palavras não são neutras ou imparciais, a linguagem metafórica direciona a pessoa para além de si mesma, tornando-a livre para pensar e agir.

O diálogo é a base da biblioterapia. A multiplicidade de interpretações permite que os comentários sejam mais diversificados levando o indivíduo a 'outro mundo' ou onde pode ser quem quiser, expor os sentimentos que a leitura proporcionou, a troca de gestos, de expressões de alegria ou de angústia. São estes fatores os diferenciais entre a biblioterapia de outros tipos de incentivo à leitura. O texto pode ser lido, narrado ou dramatizado, dependendo do objetivo que deverá ser alcançado, do paciente, da sua debilitação, dos valores culturais e do seu interesse.

De acordo com Nascimento (2007, p. 9), “[...] o diálogo pode ser uma fonte de restituição de vida em momentos de fragilidade angústia, desespero ou descrença”.

O texto funciona como objeto intermediário do diálogo biblioterapêutico, pois abre espaço para os comentários e interpretações, onde cada palavra, cada ação que surge por meio do texto utilizado, torna-se fundamentalmente importantes, podendo acrescentar valores, ideias e sentimentos nos envolvidos, propondo uma escolha de pensamento e de comportamento. Sendo assim, as várias interpretações permitem a presença da alteridade e a criação de novos sentidos.

Não apenas a leitura, mas toda a interação entre as pessoas ocorrida nos encontros é também terapêutica, mostrando que não estão sozinhas – o texto une o grupo.

Caldin (2001) explica que o método biblioterapêutico é constituído de seis componentes que são responsáveis pelo êxito da biblioterapia, que são: catarse, humor/riso, identificação, introjeção, projeção e a introspecção.

A leitura tem uma função catártica quando um indivíduo busca não apenas o conhecimento como também o entretenimento. As palavras são uma ferramenta essencial do tratamento do espírito, que podem convencer, emocionar, influenciar fornecendo uma catarse aristotélica. Nesse efeito catártico, é possível substituir o teatro (tragédias clássicas) pelas obras literárias, uma vez que provocam emoções e paixões. Portanto, catarse pode ser entendida como pacificação, tranquilidade e alívio das emoções. É nessa concepção que a leitura de obras literárias desempenham uma função catártica.

O humor (o riso) é utilizado para fins filosóficos; o riso é tão essencial quanto o falar e o pensar. O humor é uma forma pela qual o indivíduo visa se proteger da dor. Como a rebelião do ego, transforma o objeto de dor em prazer. Durante a leitura, pode captar as sensações do texto como, por exemplo, o humor que transforma o que seria objeto de dor em objeto de prazer.

A teoria freudiana afirma que a identificação é um fator importante no desenvolvimento da personalidade que se inicia ainda na primeira fase, a oral, e irá se acentuar nas fases seguintes. A criança tenta copiar o outro que lhe agrada com seus gestos, manias, atitudes e aspectos. Por isso, a identificação é a busca de um modelo para seguir ou se identificar, que pode se moldar total ou parcialmente. A leitura conduz a pessoa a uma familiarização com alguma situação ou personagem do texto, podendo colocar-se no lugar do personagem.

A introjeção está estreitamente relacionada com a identificação. É um processo no qual o indivíduo interioriza os aspectos desejáveis dos personagens da ficção, experimentam situações que na vida real não se sente capaz de suportar e atribui a si qualidades destes personagens, absorvendo-as como se fossem suas.

Assim como a introjeção, a projeção também está relacionada com a identificação, que consiste na passagem para outros indivíduos de suas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos, pois precisa manifestar aquilo que foi assimilado, por meio do diálogo, que tem um papel fundamental, é o trabalho de interpretação em grupo que busca o entendimento real do texto.

A introspecção é o modo pelo qual a pessoa aplica em sua vida o que foi lido e entendido, impulsionada pela reflexão gerada pela leitura, caracterizando-se como e possibilitando uma possível mudança comportamental.

A autora correlaciona as quatro fases que serão vivenciadas durante a aplicação da biblioterapia, com a abordagem psicanalítica de Freud, no que se refere às fases de desenvolvimento da personalidade de um indivíduo:

1ª fase: é a própria leitura e a decorrente interpretação, da assimilação e a exposição das impressões do indivíduo com o personagem, seguida de agrado ou desagrado com as opiniões e os comportamentos.

2ª fase: enfatiza a projeção para o outro, que pode ser uma pessoa ou um objeto, as ideias e os sentimentos (conscientes ou inconscientes), que são habituais a ele.

3ª fase: onde ocorre a catarse, momento em que há o envolvimento emocional com a história, quando ocorre a manifestação das ideias e emoções, que se libertam do inconsciente para o consciente, contra o personagem, finalizando com um processo de transferência.

4ª fase: ocorrer o *insight*. Nessa fase, parte para a discussão construtiva dos sentimentos e das ideias. O conteúdo do que foi lido, ouvido, visto, ou apresentado é preparado de modo que favoreça uma mudança de comportamento.

3.0 BIBLIOTECÁRIO E A BIBLIOTERAPIA

Dora (2011) explica que entre os 13 perfis de bibliotecários, estão os biblioterapeutas, profissionais que podem atuar com profissionais de outras áreas na prática da biblioterapia, utilizando materiais de leitura com função terapêutica, com o objetivo de restabelecer psiquicamente pessoas com transtornos emocionais e sociais, entre outros.

A integridade emocional e física de um indivíduo é de suma importância para sua interação com a sociedade, sentir-se respeitado, valorizado e acolhido é intrínseco ao ser humano e todos estão nesta busca constante para obter forças para enfrentar e superar as dificuldades da vida.

A literatura serve de maneira lúdica, como fonte de reflexão, aprendizado e lazer, aliada a finalidade de trazer conforto e ajudar as pessoas em situações críticas, o que reforça o caráter potencializador

e a importância na atuação profissional do bibliotecário, com enfoque no lado humano – uma preocupação social.

O bibliotecário, além de atender às necessidades informacionais, intelectuais, precisa estar voltado para as questões sociais e emocionais dos seus usuários, da sociedade de modo geral, sempre que for possível.

De acordo com Lucas, Caldin e Silva (2004, p. 399), a “realidade dos campos de atuação desse profissional está ampliando-se cada vez mais e assumir esse momento é essencial para o fortalecimento e reconhecimento da profissão.” O que reforça ainda mais o seu caráter social, auxiliando por meio da fomentação da leitura, aplicando-a de forma terapêutica.

Embora a Biblioterapia, em 1914, passou a ser uma especialização da Biblioteconomia, ainda existem algumas controvérsias sobre sua aplicação por um bibliotecário. No entanto, os cursos de graduação ainda não capacitam o bibliotecário a tornar-se um biblioterapeuta. Enfatizado por Oliveira et. al (2011), esse é um ponto defasado no ensino da Biblioteconomia no Brasil, visto que é necessário que suas grades curriculares tenham disciplinas voltadas para o trabalho social, demonstrado pelas várias atuações existentes no mercado de trabalho atual para o bibliotecário, para que se torne um profissional capacitado, por exemplo, para atuar como biblioterapeuta qualificado, porque não é com uma simples leitura que o tratamento terapêutico será alcançado.

Alguns autores recomendam que o bibliotecário apenas selecione o material a ser utilizado, enquanto outros acreditam que após um treinamento especial o profissional esteja apto para a aplicação da terapia.

Outros profissionais podem atuar nessa linha da biblioterapia, onde o profissional da informação pode trabalhar em equipe, entre eles, médicos, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, professores etc., dependendo do contexto no qual o programa é planejado e aplicado, seus objetivos e os tipos de usuários.

É importante a colaboração de profissional da área da saúde quando a biblioterapia é realizada em hospitais, clínicas e casas de repouso; de profissional da educação quando ocorrer em creches, escolas e orfanatos; e de assistente social quando for em prisões, instituições correccionais e centros comunitários. Tal parceria destaca a importância de um trabalho interdisciplinar.

As concepções modernas sobre a leitura apontam que essa prática não pode ser entendida apenas como a decodificação de signos linguísticos, mas também como uma prática social que contemple a produção de sentidos, ou seja, não basta apenas ler, mas escolher ler o livro e as informações certas para o leitor específico, onde o biblioterapeuta é o responsável por essa interação (PINTO, 2005).

Uma das cinco leis fundamentais instituída para a Biblioteconomia, criada pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, determina que “todo leitor tem seu livro”, o mesmo ocorre com a biblioterapia, onde os materiais são direcionados para as necessidades específicas de cada pessoa.

Os profissionais da equipe de biblioterapia devem seguir alguns critérios básicos, como escolher um local adequado para desenvolver a atividade; usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado; selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da faixa etária do grupo; selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos abordados, com exceção de materiais com conotação negativa do problema.

4. LEITURA COM FUNÇÃO TERAPÊUTICA

A leitura é uma atividade que não tem contraindicações, recomendada para qualquer pessoa. O hábito da leitura transforma o indivíduo em uma verdadeira fonte de informações, além de facilitar a descoberta de um mundo, cuja interpretação favorece o seu desenvolvimento integral.

De acordo com Pedro, Carvalho e Manzoni (2009), a leitura apresenta três níveis básicos, que se interrelacionam, sendo eles: sensorial, emocional e racional. O nível sensorial é definido no primeiro contato com o texto e explora os órgãos sensoriais através da visão, tato, audição, olfato e o paladar, é nesse momento que o texto desperta sentimentos, lembranças e fantasias que inicia a transição para o nível emocional. O nível emocional leva a interpretação subjetiva do nível sensorial, leva esse indivíduo a relacionar o texto com o seu inconsciente e o seu universo interior. No último nível, o racional existe da junção entre os dois primeiros, nos quais se busca a compreensão da objetividade da situação do

texto. A associação desses três níveis em porções diferentes trará novas interpretações porque obtém mais maturidade, facilitando o melhor entendimento do texto.

Para Benedetti (2008, p. 12), a “literatura tende a trabalhar com os conflitos emocionais, com o humor, com a descontração e com a interpretação dos textos. Já a leitura científica proporciona conhecimento sobre a situação enfrentada”.

A leitura colocada em prática pode ser transformada em uma ferramenta para o tratamento terapêutico, aliviando dores, mostrando soluções para problemas, portanto, para o desenvolvimento e evolução emocional.

Por volta de 1922, John Kendrick Bangs escreveu: “Se eu fosse médico, colocaria os livros como parte dos assuntos médicos e os prescreveria para meus pacientes, segundo suas necessidades”. (ORSINI, 1982, p. 143).

A função da leitura como terapia, a biblioterapia, originada na espiritualidade e religiosidade dos povos antigos resiste ao tempo e chega à contemporaneidade. As pessoas encontram na leitura de um livro uma forma para compreender seus problemas existenciais, como lidar com as dificuldades do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas e melhora o indivíduo.

Na perspectiva de Nascimento (2007, p. 9), o “poder da palavra pode significar para alguém uma mudança, uma nova esperança. Terapia entende-se como o poder mais vasto da palavra, ela vem acompanhada de carinho, atenção e cura”.

A leitura terapêutica faz parte de um processo terapêutico, que requer uma relação mais profunda com o texto, não é apenas um simples ato de decodificação de signos linguísticos sem ligação alguma com a realidade, precisa de uma reflexão, mas também como uma prática social que visa à produção de sentidos. Conforme afirma Luckesi (2001, p. 122), a “leitura é um ato simples, inteligente, reflexivo e característico do ser humano, porque ela nada mais é que um ato de compreensão do mundo, da realidade que nos cerca e em meio à qual vivemos”.

Benedetti (2008) destaca que na leitura de uma obra literária de ficção, o indivíduo pode vivenciar o personagem, ajudando em situações difíceis e direcionar isto a sua vida, melhorando o equilíbrio emocional.

A prática de discutir ou comentar as ideias ou as dúvidas desenvolvidas durante a leitura de um texto com outra pessoa permite aprimorar, aprofundar, ou refazer a sua compreensão do texto. Lewis (2007, p. 19) define que “prática de leitura está, pois, vinculada à visão de mundo e aos interesses sociais dos indivíduos que a realizam [...]”.

De acordo com Ratton (1975), a leitura oferece alguns dos benefícios, como, conhecer e sentir experiências sem precisar realmente passar por elas, podendo ajudar a prevenir a pessoa sobre a possibilidade das consequências de suas ações; conhecimento e compreensão de problemas sociais de outras épocas, possibilitando uma fácil adaptação; deslocamento, sem mobilidade no espaço para outros ambientes através do acesso às informações sobre os costumes dessas outras regiões, facilitando a adaptação caso as mudanças reais ocorram; aumento da visão pelo conhecimento e troca de informações com outras pessoas; melhora da autoestima, desse modo ajuda a diminuir a timidez, a inferioridade e o sentimento de culpa; clareamento e conscientização dos problemas difíceis de expressar, entre outros.

Segundo Caldin (2001, p. 1), a “função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções.” Portanto, a leitura de texto literário exerce no indivíduo um sentimento de paz por ser considerada curativa e sedativa.

Para Elliott et al. (2011, p. 5), a diferença entre a leitura de qualquer texto realizada pelo leitor, da leitura oferecida através da biblioterapia, é a intensidade e os objetivos, pois a “leitura de um texto literário com funções terapêuticas acontecem à aproximação do paciente de uma experiência de sentido que promove o jogo interpretativo”, o que força o leitor/ouvinte a assumir posturas variadas, por meio do desligamento e da utilização do seu aspecto racional, obtendo “a percepção, a capacidade cognitiva, inteligência e compreensão, sem deixar de lado a emoção de forma a obter mudança através do autoconhecimento.”

Ouaknin (1996) considera a leitura um acontecimento solitário, um encontro privado com o outro mundo, sozinho com o livro e consigo mesmo. Para algumas pessoas, apesar desta solidão, a leitura é uma conversa, oferecendo a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional e espiritual, abertura a outras culturas, uma catarse dos conflitos e da agressividade, sentimento de amor, engajamento na ação, valores individuais, pessoais e superação das dificuldades.

Rosa (2006 apud SEBASTIÃO, 2012, p. 33) destaca que “psicólogos e demais profissionais da saúde usam os livros para ajudar, não só os seus pacientes, mas também a comunidade em geral, a superar as suas dificuldades, vencer os obstáculos e sanar os seus problemas.” Isto pode explicar o número de buscas por livros de autoajuda, para a resolução de crises pessoais em bibliotecas e livrarias.

A biblioterapia serve para promover uma plena integração de valores e ações na pessoa que se submete a este processo terapêutico, que também pode contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, e algumas atividades e ferramentas utilizadas pelos profissionais para a aplicação da biblioterapia são apontadas a seguir.

4.1.ALGUMAS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

Algumas atividades utilizadas por profissionais envolvidos na biblioterapia são baseadas na leitura de textos, como principal suporte, fundamentando a contação de história. Dentro desta perspectiva, o lúdico e o imaginário proporcionam novas oportunidades e estratégias de aproximação entre o indivíduo e a leitura, que deve ser explorado ao máximo.

A contação de histórias é uma ferramenta utilizada desde os primórdios da humanidade. Para ouvir histórias, a pessoa não precisa ser alfabetizada, porque o primeiro contato com um texto ocorre geralmente na infância que é feito oralmente, através da voz de outro indivíduo, contando algum tipo de história, tornando-se geralmente o momento mais aguardado e prazeroso para as crianças.

O narrar baseado nos textos escritos, estimula a memorização, a gestualidade, a performance, a entonação da voz, assim o narrador pode manipular e conduzir a narrativa como quiser.

Dessa forma, a “Hora do Conto” é um recurso que tem o intuito de estimular o gosto pela leitura e favorece o desenvolvimento da imaginação e da criatividade e nessa atividade pode ser utilizado outros objetos como fantoches, brinquedos, ilustrações, livros entre outros, para ajudar a prender a atenção, avivar o interesse pela história e melhor compreendê-la.

A contação de histórias contribui para o desenvolvimento intelectual, pois aguça o interesse pela leitura e estimula a imaginação, faz com que a pessoa vivencie os personagens através

do imaginário e o desenvolvimento comunicativo, já que a leva a dialogar com outras pessoas, com isso desenvolve a interação sociocultural e o gosto pela literatura e pelas artes.

As histórias literárias têm a função de construir o conhecimento social da realidade junto à formação de conceitos e valores, mesmo sendo ficção, o texto literário tem o poder de demonstrar a realidade social. Na sociedade atual, contar e ouvir histórias são uma possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, sendo uma atividade importante na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético.

A biblioterapia pode ser aplicada em qualquer grupo de pessoas, sem qualquer tipo dos efeitos benéficos da leitura. Seus resultados podem ser observados através dos depoimentos do público-alvo, dos funcionários das instituições, dos familiares e, inclusive, pelos próprios biblioterapeutas, após um contato relativamente longo a fim de conhecer a individualidade de cada um.

Como uma atividade ocupacional diferente, a biblioterapia pode prevenir doenças, ajudar a diminuir a depressão e aumentar o equilíbrio psicológico e emocional e na ressocialização, sendo aplicada por bibliotecários em conjunto com médicos, assistentes sociais, enfermeiras, psicólogos, entre outros profissionais.

A hospitalização, independente da gravidade da doença e da idade do paciente, é um momento que causa medo e insegurança, sendo um processo agressivo e doloroso que causa mudanças nas atividades diárias, no ambiente social e físico do paciente, de modo que afeta todo o seu modo de viver.

O ambiente hospitalar favorece a solidão e isolamento que acarreta ansiedade, estresse, angústia, insegurança entre outros sentimentos gerados pelo desconforto físico, moral, espiritual e o medo da morte, retardando o processo de recuperação.

Segundo Beuter (1996 apud SEITZ, 2006, p. 156), as “pessoas, no hospital, ficam expostas a um ambiente estranho e impessoal, onde o relacionamento dos profissionais de saúde com elas caracteriza-se pela distância, formalidade, informações rápidas e a utilização de terminologias técnico-científicas”.

A maior parte dos hospitais não tem nenhuma atividade e lazer para os seus pacientes, sendo assim, os mesmos ficam inertes nos leitos, mergulhados em pensamentos negativos, preocupações e na sua dor.

Torna a aplicação da biblioterapia necessária e fundamental para diminuir a dor física e emocional provocada pela internação, ajudar na recuperação desses pacientes, proporcionando momento de alegria, descontração, lazer e prazer através da leitura, buscando uma hospitalização mais humana, como comprova diversas pesquisas de campo.

Seitz (2008) coordenou uma pesquisa em pacientes internados em clínica médica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC), com o objetivo de verificar a aceitação da biblioterapia e averiguar se as práticas biblioterapêuticas e as atividades de lazer poderiam contribuir no processo de humanização da assistência hospitalar dos pacientes internados. A autora afirma que diversos países a biblioteca é um elemento essencial nos hospitais, que contribui terapeuticamente em profilaxias, reabilitações e terapias de pacientes que passam longos períodos internados e impedidos de exercer outras atividades cognitivas, físicas, profissionais e de lazer, o que é comprovado por pesquisas, que ainda reforçam que independem da faixa etária, influenciando diretamente na qualidade de vida das pessoas, especialmente as que estão reclusas para tratamentos de saúde.

Na pesquisa citada acima, todos os pacientes internados que participaram do estudo consideraram as práticas biblioterapêuticas uma ótima contribuição para a humanização da assistência hospitalar e para a maioria destas práticas ajudaram a se sentirem bem após participarem das atividades propostas. Quase todos os acompanhantes afirmaram que observaram melhoras no comportamento dos pacientes, como no humor, autoestima e na socialização.

Todas as pessoas envolvidas consideraram importante a existência de um espaço físico e momentos de práticas biblioterapêuticas e atividades de lazer para auxiliar na humanização da assistência hospitalar, além de possibilitar momentos de distração e alegria que ajuda a atenuar o medo e a ansiedade causada pela hospitalização e pela enfermidade.

Caldin (2002) analisou o projeto desenvolvido sobre a aplicação da biblioterapia para a criança internados no HU/UFSC, usando atividades biblioterapêuticas como leitura, cotação de história, música, dramatização e gravuras com o objetivo de humanizar o processo de tratamento das crianças.

Com esse trabalho, a autora averiguou que após as atividades biblioterapêuticas com o texto literário infantil, as crianças começaram a interessar-se pelo livro, que até então o acervo infantil existente no hospital era desprezado por elas.

O programa de biblioterapia demonstrou ser benéfico para as crianças internadas, além da interação social, a hora da história tornou-se um momento mágico, o desconforto e a dor davam lugar as risadas, evidenciando o efeito catártico dos textos literários, que é pacificação das emoções.

Por meio das atividades biblioterapêuticas os sentimentos reprimidos podem ser removidos, as emoções apaziguadas, favorecendo um maior desenvolvimento crítico e intelectual, estimulando o imaginário, permitindo que algumas barreiras e conceitos sobre a pessoa portadora de necessidades especiais sejam quebrados ao serem colocadas em contato com o mundo dos livros, promovendo ainda uma maior interação social.

Pereira (1996, p.4) realizou em João Pessoa (Paraíba) um trabalho pioneiro no Brasil, a aplicação da biblioterapia em pessoas que se tornaram deficientes visuais do Instituto dos Cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha", que tinha como objetivo ajudar na formação intelectual, preparação educacional e a especialização profissional para o aumento da potencialidade do deficiente visual para contribuir para a sua integração na sociedade. O pesquisador conclui que com o estudo realizado, o "leitor cego poderá se acalmar ao saber que outra pessoa cega também se sentiu isolada, inútil e desinteressada pelos entes queridos, durante o princípio de ajustamento".

Podemos destacar que a leitura orientada e crítica pode ser usada como um elemento de libertação, de autoajuda, oferecendo subsídios para ajudar na solução de seus problemas e necessidades, motivando e incentivando o gosto pela prática da leitura que levam o sujeito a um ajustamento psicossocial.

Albuquerque et al. (2012) escreveram um artigo sobre a biblioterapia aplicada em pessoas com autismo, poderá auxiliar portadores desta síndrome, pois eles têm dificuldade de se relacionarem, perda de contato com a realidade, sinais de isolamento social, emocional e agressividade, sendo assim, as atividades biblioterapêuticas contribuem com o desenvolvimento emocional, autoconhecimento, auxiliando na modificação do seu comportamento, processo de socialização e compreensão pessoal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as atividades, por meio da leitura, no caso a biblioterapia, proporciona ao indivíduo a liberdade de criar novos sentidos, podendo exteriorizar os seus sentimentos. E, tais práticas asseguram o conforto emocional, físico e mental dos pacientes, como é o caso de crianças e idosos hospitalizados ou não e em tratamentos; adolescentes em situações “de risco”; adultos em presídios; favorecem ainda a socialização ou a ressocialização destas pessoas, assim como amplia o vocabulário e melhora a comunicação, elevando a autoestima delas, tornando-as capazes de viverem o cotidiano de uma forma mais consciente e tranquila.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Jéssica Xavier et al. Biblioterapia aplicada em portadores de autismo. In: ENCONTRO UNIVERSITÁRIO DA UFC, 4., 2012, Juazeiro do Norte, CE. **Anais Eletrônicos...** Juazeiro do Norte, CE: UFC, 2012. Disponível em: <<http://migre.me/g3u88>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

BENEDETTI, Luciane Berto. **Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar**: uma proposta de humanização. 2008. 32 f. Projeto de pesquisa (Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/g3ueP>>. Acesso em: 3 ago. 2013.

BOTSARIS, Alex. **Biblioterapia**: porque hábito de leitura faz bem à saúde. [201-]. Disponível em: <<http://migre.me/g4IP5>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 72-89, 2º sem. 2004. Disponível em: <<http://migre.me/g3uuP>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

_____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 6,

n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <<http://migre.me/g3uvq>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 38-54, 2002. Disponível em: <<http://migre.me/g3ux9>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Carreira**. Disponível em: <<http://migre.me/g3uzQ>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2008.

DORA. **Os tipos de bibliotecários**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/g3v8v>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

ELLIOTT, A. et al. A leitura é o melhor remédio: a biblioterapia com crianças portadoras de câncer. In: CBBB - CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/g3v8P>>. Acesso em: 3 ago. 2013.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Aulus Cornelius Celsus**. [20--]. Disponível em: <<http://migre.me/g3v9k>>. Acesso em: 9 ago. 2013.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://migre.me/g3v9S>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

_____. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://migre.me/g3vas>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

LEITE, Ana Claudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**, Valinhos, SP, v.

12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/g3vd7>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspect. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/g3vet>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer Universidade**: uma proposta metodológica. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Inf. & Inf.**, Londrina, PR, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/g3vg4>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

OLIVEIRA, Ageísa Clara Ferreira de et al. O biblioterapeuta: a nova atuação do profissional bibliotecário. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luís, MA. **Anais Eletrônicos...** São Luís, MA: UFMA, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/g3vhV>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

OLIVEIRA, Leodir Rocha de et. al. Biblioterapia: uma experiência de ler e contar histórias para pessoas hospitalizadas. **Extensio: Rev. Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 8, n. 12, p. 44-60, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/g3vik>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **Biblioterapia**. [200-]. Disponível em: <<http://migre.me/g3vjV>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

PEDRO, Ketilin Mayra; CARVALHO, Bruna; MANZONI, Rosa Maria. **Literatura infantil e os níveis básicos de leitura**. Bauru, SP, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/g3vlm>>. Acesso em: 9 ago. 2013.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **A biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do instituto dos cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha"**. João Pessoa: UFPB. [19--]. Disponível em: <<http://migre.me/g3vIX>>. Acesso em: 9 fev. 2013.

_____. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996. Disponível em: <<http://migre.me/g3vmK>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas-SP, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/g3vpe>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

RATTON, Angela M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <<http://migre.me/g3vsz>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/g3vKn>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

_____. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas-SP, v. 9, n. 2, p. 145-169, jun. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/g3vvl>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

TER LITERATURE NETWORK. **John Kendrick Bangs**. [20--]. Disponível em: <<http://migre.me/g3vUY>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

YOUR DICTONARY. **Aulus Cornelius Celsus**. [20--]. Disponível em: <<http://migre.me/g3vxx>>. Acesso em: 9 ago. 2013.